



Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**

**Fundação Oswaldo Cruz**

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR E  
PROMOÇÃO DE TERRITÓRIOS SAUDÁVEIS NA CONVIVÊNCIA  
COM O SEMIÁRIDO**

**LUIZA MARIA LIMA DE OLIVEIRA**

**MULHERES IDOSAS E EXPERIENTES: NARRATIVAS DE VIDAS QUE  
DIALOGAM COM AS POTENCIALIDADES EM SER MULHER,  
TEMPORALIDADE E FEMINISMO**

**EUSÉBIO – CE  
FEVEREIRO DE 2021**

LUIZA MARIA LIMA DE OLIVEIRA

**MULHERES IDOSAS E EXPERIENTES: NARRATIVAS DE VIDA QUE  
DIALOGAM COM AS POTENCIALIDADES EM SER MULHER,  
TEMPORALIDADE E FEMINISMO**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Curso de  
Especialização em Educação Popular e Promoção de  
Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido,  
Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz Ceará.

Orientador: Dr. Cleilton da Paz Bezerra

EUSÉBIO – CE  
FEVEREIRO DE 2021

Catálogo na fonte  
Fundação Oswaldo Cruz  
Escritório Técnico Fiocruz Ceará  
Biblioteca Fiocruz Ceará  
Gerada mediante dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O48m Oliveira, Luiza Maria Lima de.  
Mulheres Idosas e Experientes: Narrativas de Vidas que  
Dialogam com as Potencialidades em Ser Mulher,  
Temporalidade e Feminismo. / Luiza Maria Lima de Oliveira. –  
2021.  
38 f. : il. : color.

Orientador: Prof. MSc. Cleilton da Paz Bezerra.  
TCC (Especialização em Educação Popular e Promoção de  
Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido) –  
Fundação Oswaldo Cruz, Eusébio, CE, 2021.

1. Mulher. 2. Idosa. 3. Feminismo. I. Título.

CDD – 362.1068

Catálogo elaborado pela bibliotecária Camila Victor Vitorino Holanda CRB-3 1126

LUIZA MARIA LIMA DE OLIVEIRA

**MULHERES IDOSAS E EXPERIENTES: NARRATIVAS DE VIDA QUE  
DIALOGAM COM AS POTENCIALIDADES EM SER MULHER,  
TEMPORALIDADE E FEMINISMO**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz-CE como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido.

Banca Examinadora

---

Prof. MSc. Cleilton da Paz Bezerra – Presidente  
Universidade Federal do Ceará

---

Profa. Dra. Thayza Miranda Pereira – Examinadora  
Universidade Estadual do Ceará

---

Profª. MSc. Naila Saskia Melo Andrade – Examinadora  
Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz Ceará

Data da Aprovação: 06 de fevereiro de 2021  
EUSÉBIO – CE

**RESUMO**

A pesquisa que segue foi realizada com mulheres na faixa etária de 60 a 80 anos, residentes no bairro Pereiros, na cidade de Mossoró, que aceitaram falar de suas memórias e histórias, expondo saberes, experiências e vivências. Cada uma com suas especificidades e seus potenciais, dentro de um contexto social onde o olhar para o feminismo é visto com alteridade, um olhar normativo e excludente. O lugar de fala é violentado, dentro de uma sociedade patriarcal e machista, onde há presença de preconceitos, mecanismos de poder e hierarquia nas interações cotidianas. Nessa temporalidade machista e opressora, a relação com a mulher idosa é ainda mais chocante e dolorosa, haja vista ela estar num processo de transição, pois se trata de mudança do ciclo de vida – um acontecimento natural. Entretanto, ela não perde jamais a plenitude de ser mulher. E ao ver a presença da mulher em um meio de multirrelações, na família e na sociedade, deu-se a inquietação, a ausência de uma valorização ao potencial dessas mulheres, matriarcas que têm toda uma liderança enquanto mulher, por mais que transpareça uma contradição para a sociedade. Quanto à metodologia utilizado nesta pesquisa de natureza qualitativa, há apoio nos estudos de BEAUVOIR (1980); RIBEIRO (2017); FREIRE (2009). As narrativas das mulheres foram concebidas a partir de entrevistas, cuja análise de dados revela o perfil de mulheres fortes. Por fim, o resultado da atividade demonstrou que a mulher precisa, e deve, ser vista com equidade, pois a visão de ser frágil como ela é representada tende ao sofrimento psicológico.

Palavras-chaves: Mulher; Idosa; Feminismo.

### **ABSTRACT**

The research that follows was carried out with women aged 60 to 80 years, living in the neighborhood of Pereiros, in the city of Mossoró, who agreed to talk about their memories and stories, exposing knowledge, experiences and experiences. Each one with its specificities and potentials, within a social context where the look at feminism is seen with otherness, a normative and excluding look. The place of speech is violated, within a patriarchal and sexist society, where prejudices, mechanisms of power and hierarchy are present in everyday interactions. In this sexist and oppressive temporality, the relationship with the elderly woman is even more shocking and painful, given that she is in a transition process, as it is about changing the life cycle – a natural event. However, she never loses the fullness of being a woman. And when seeing the presence of women in a multirelationship environment, in the family and in society, there was unease, the absence of an appreciation for the potential of these women, matriarchs who have a whole leadership as a woman, no matter how much a contradiction appears for the society. As for the methodology used in this qualitative research, there is support in the studies by BEAUVOIR (1980); RIBEIRO (2017); FREIRE (2009). The women's narratives were conceived from interviews, whose data analysis reveals the profile of strong women. Finally, the result of the activity demonstrated that the woman needs, and must, be seen with equity, since the vision of being fragile as she is represented tends to psychological suffering.

Keywords: Woman; Elderly; Feminism.

### LISTA DE SIGLAS

ESF/PSF	Estratégia Saúde da Família/Programa Saúde da Família
USP	Universidade de São Paulo
ONU	Organização das Nações Unidas
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
FURRNE	Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte
UERN	Universidade Estadual do Rio Grande do Norte
AVC	Acidente vascular cerebral
TD	Tira Dúvida
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semiárido
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	10
<b>3</b>	<b>INVISIBILIDADES, VIOLAÇÃO DE DIREITOS E FEMINISMO</b> .....	14
3.1.	CULTURA DO ENVELHECIMENTO PERMEADO POR UMA RELAÇÃO ENTRE SOCIEDADE E SOCIALIZAÇÃO PRIMÁRIA.....	16
<b>4</b>	<b>HISTÓRIAS DE VIDA DE MULHERES DO BAIRRO PEREIOS – MOSSORÓ/RN</b> .....	18
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	34
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	37



## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge da experiência de um grupo de mulheres que nasceu da necessidade de um olhar singular para a população feminina do bairro Pereiro de Mossoró – RN. A mulher, como sabemos, tem uma participação ativa em todos os segmentos da sociedade e muito mais nas famílias. Em meu trabalho como agente comunitária de saúde, eu vi nessas mulheres do território uma certa invisibilidade quando ocupa seus vários espaços sociais, como também via uma fragilização das mesmas por conta de sofrimentos diversos. Seus semblantes entristecidos me fizeram refletir e tomar a iniciativa de buscar ações que trouxessem prazer, alegria, o direito à fala, o empoderamento e o protagonismo na sociedade e que fizessem o diferencial na vida de todas elas.

Aqui trago as narrativas que surgem das histórias de vida contadas por elas mesmas, as mais diversas, em épocas bem diferentes, quando as dificuldades eram maiores, mas por outro lado se tinha uma formação humana pautada nos saberes da comunidade. A fala de cada uma delas também confirma momentos de sujeição aos papéis impostos para as mulheres em diferentes momentos de suas vidas. Ser dona de casa, mãe e esposa parecia ser o único destino que a sociedade conservadora, machista e patriarcal lhe apresentou, idealizando uma mulher submissa à família e ao marido, “mulher do lar”, como elas dizem, em que o cuidar é sua tarefa por excelência e o procriar é inevitável.

Para a filósofa francesa Simone de Beauvoir (1980), os homens mantêm com as mulheres uma relação de submissão e dominação em que as veem e as querem como um objeto. Esta autora, em seu livro “O Segundo Sexo”, de 1949, a categoria da mulher como “O outro” da relação. Ao partir da dialética do senhor e do escravo de Hegel, Beauvoir (1980) observa que a mulher não é definida em si mesma, mas em relação ao homem e através do olhar do homem, olhar este que a confina num papel de submissão.

Contar as histórias dessas mulheres é, de certa forma, minha denúncia do quanto foram e são discriminadas, exploradas, minimizadas e violentadas. São histórias de muitas lutas frente ao machismo e à submissão aos maridos, as pais, aos irmãos. Como também, lutas perante o racismo e tantas formas de opressão e de desigualdade social. Mulheres pretas foram recolhidas aos recônditos das cozinhas e das áreas dos serviços.

Mas não nos enganemos, são histórias de muitas resistências, pois como ensina Foucault, “Lá onde há poder, há resistência” (2009, p.105). E nesses percursos, as concepções de ser mulher são cheias de contradições: por vezes um ajustamento a ser simplesmente esse outro indefinível que nos trouxe Beauvoir; por outras vezes, enfrentamentos e rupturas.

Assim, tivemos como **objetivo geral** realizar uma investigação da história de vida de mulheres idosas do bairro Pereiros – Mossoró/RN, para averiguarmos o modo pelo qual esses sujeitos idosos constroem suas narrativas e de como identificam suas “concepções do que significa ser mulher”, em seu cotidiano. E como **objetivos específicos** valorizar os saberes, vivências e experiências dessas mulheres, e identificar suas concepções do que significa ser mulher para elas.

## 2 METODOLOGIA

O recurso metodológico utilizado para esta pesquisa, de natureza qualitativa, fazendo uma rememora de um vivido, partindo do presente e de uma temporalidade que se faz marcante, trago a presença do sujeito como objeto de pesquisa, com narrativas de história de vida, experiências e saberes que são presentes dentro de um contexto onde a mulher é a protagonista; a observação se fez presente nessa construção, onde vi a necessidade de um olhar crítico para o sujeito enquanto mulher. Foi nessa observação participativa dentro de um cotidiano de visitas domiciliares, como profissional da saúde, de uma interação que há uma proximidade que me inquietou a pesquisar sobre esse sujeito, fazendo um paralelo de temporalidade, evidenciando a valorização em ser mulher, como a sociedade as veem e o “papel” que é designado a mulher. Subjetivamente explorando e valorizando a fala de cada uma que aceitou em participar dessa construção de narrativas de vida, com potenciais que tiveram papéis marcantes, e ainda se faz presente em suas vidas e na sociedade. A escolha metodológica proporcionou compreender e refletir sobre cada história de vida narrada em encontros que teve todo um diálogo para discutir local, horário, e o mais importante qual seria a temática a ser trabalhada, e os objetivos que me levaram a realizar as narrativas, ou seja, houve uma construção de amadurecimento do assunto, até chegar o momento da narradora se sentir confortável em falar, fizemos um pré-agendamento de horário e dia, o local da pesquisa aconteceu na residência de cada uma das entrevistadas, de forma espontânea, natural, bem informal, sem formalidades, deixando-as bem confortável em falar, há uma aproximação da minha pessoa com as narradoras, não só enquanto agente de saúde, vai mais além, o acolhimento e a escuta nos permite nos vermos como companheiras de luta, então, foi tranquilo, caloroso e humano, com a permissão de cada uma e respeitando os limites éticos, utilizei o celular para gravar a voz e posteriormente transcrever. A valorização de todas as falas se faz necessário, princípio indispensável na construção e apropriação de histórias, principalmente quando se trata de narrativas de sujeitos, onde se tem um valor histórico e emocional, o respeito a cada história são pérolas de vivências que tem muito a contribuir para a sociedade, não formulei perguntas, pedi para que falassem da sua trajetória de vida, desde criança até os dias atuais.

O diálogo foi fluindo à medida que iam narrando suas histórias, também observei e registrei risos, choros, gargalhadas, era visível vê no olhar de cada uma, o brilho ao falar de suas memórias, peculiaridades, resistências, desejos e esperanças, tinha também amarguras, lembranças que deixaram marcas que nem o tempo foi permitido apagar.

A história oral de vida foi utilizada neste estudo como um recurso importante, no qual foi estabelecido um diálogo entre entrevistador e entrevistado de maneira a colher as

informações necessárias para entender uma trajetória que dialoga com o sujeito em ser sujeito protagonista de uma caminhada que perpassa vários segmentos, esse ser que foi trabalhado e que se faz presente o centro energético do feminino; a mulher, é ela que dá a luz ao filho, o cuidar da família é “função da mulher”, uma função que a décadas foi imposta como obrigação, hoje na contemporaneidade a nomenclatura usada pela sociedade quando se quer determinar essa função, de forma camufladamente, se diz: o “papel da mulher” e que tem o mesmo significado da palavra função, que na verdade o papel e cada sujeito é o que convém, o que estiver dentro de suas condições social, político, econômico e cultural, estudar nem pensar, a hostilização da mulher na política. Conhecer essa mulher enquanto sujeito que faz acontecer, que brilha, que tem a lâmparina acesa onde ela estar presente. A história oral de vida traz um diálogo com potencial consistente em saberes, vivências e experiências, tem um papel de significância social muito importante, são raízes e trajetórias contadas com a veracidade de uma história real, como disse Paulo Freire (1997, p. 7) “um texto falado, filosófico, um texto que traz luz pra entender a sociedade, um diálogo de troca de saberes, e nós temos a capacidade de ouvir e aprender uns com os outros”. Ainda de acordo com Ferreira (2000, p. 92):

A trajetória da história oral na academia que resultou exclamações de autores importantes que insistiam, em 1991, na necessidade de atenção às fontes orais. Um outro texto estrangeiro, de 1985, chamava atenção de um setor da nascente história oral e, fazendo com que distinguisse um ramo que ganha terreno na preferência da história oral brasileira: a história oral de vida. A soma de experiências, individuais e coletivas, e a necessidade de respostas dos meios acadêmicos que se viam divididos em face dos resultados sociais de seus trabalhos que se mostravam distantes dos sujeitos de estudos faziam crescer a ânsia para que se articulassem os interesses na direção de debates mais consistentes em termos de troca de experiências.

Fiz um recorte memorial, adentrando para as experiências de mulheres idosas, que viveram uma trajetória de muita luta, onde foram violentadas, massacradas, discriminadas por serem mulher, vivendo com o machismo, onde é preconizado como natural, faço esse paralelo dessa mulher que sempre esteve presente na família e na sociedade, porém há uma desvalorização à mulher, e quando se fala na mulher idosa essa desvalorização é mais rasgada e dolorosa.

As entrevistas foram construídas individualmente, em uma perspectiva de narrativas de história de vida, seguindo os elementos já nominados. Após encontro com as entrevistadas e a gravação de suas histórias de vida, foi realizada a transcrição das falas, para que as participantes pudessem ler, acrescentar ou retirar alguma narrativa. Com a autorização das entrevistadas parte dos textos foram aqui descritos. O mais interessante foi o reviver, as reflexões, a descoberta, era como se refizessem cada momento num outro tempo.

No tocante à memória, Galzerani (1999), respaldada por Benjamin, afirma que é, sobretudo, experiência vivida. A referida autora também compara a memória a um cenário no qual se encruzam as lembranças, o passado, o presente e o futuro. A memória constitui uma viagem no tempo, e narrar é, dentre outras, rememorar experiências diversas, permitindo dimensões pessoais esquecidas e que possam ser recuperadas e situadas no tempo. Tais percepções evidenciam que a unidade narrativa é constituída de vivências e experiências, adquiridas e construídas no decorrer da história de vida do ser humano, que cristalizam e se constituem em imagens que são retomadas em situações cotidianas.

Após descrever cada história de vida, fiz uma leitura atenta e uma análise minuciosa no sentido de buscar e interpretar o que é ser mulher nos percursos das depoentes.

Os sujeitos da pesquisa foram 04 mulheres da área da Estratégia Saúde da Família do Bairro Pereiros, Mossoró – RN, onde atuo como agente comunitária de saúde, profissional que compõe a equipe multiprofissional (Equipe Saúde da Família – ESF). A Estratégia Saúde da Família/Programa Saúde da Família (ESF/PSF) considerada um modelo de Atenção Primária à Saúde, focado na unidade familiar e construído operacionalmente na esfera comunitária. Então, a experiência brasileira de ESF pode ser considerada como um modelo coletivo de atenção primária, com a peculiaridade de ser construído no âmbito de um sistema de saúde público com amplitude nacional e centrado na universalidade, caracteriza-se como uma estratégia que possibilita a integração e promove a organização das atividades em um território definido, com o propósito de propiciar o enfrentamento e a resolução dos problemas identificados no nível local e foi nas visitas. Nossas narradoras situam-se na faixa etária de 62 a 86 anos de idade, todas lucidas, com histórias diferentes, porém há semelhanças numa trajetória quando se é mulher, o cuidar da família, o adoecimento mental por se dedicar em cuidar de um ente querido, privações por ser mulher e idosa, o brilho que ofuscava já não é visível, porém a sua essência em ser mulher continua presente, mesmo com suas limitações, ela é a protagonista da família e da casa.

A categoria de análise que se sobressaiu foram as analogias entre o tempo vivido e a atualidade, num jogo de temporalidade significativa nos percursos dessas mulheres. São histórias onde há uma subjetividade do sujeito com potenciais fortes, que analisando pelo lado filosófico e tomando como referência Michel Foucault em sua obra *A Hermenêutica do Sujeito*, há uma homogeneidade na estética das condutas, norteadas pela relação entre sujeito e verdade, a partir da prática da perresia, da “fala franca” num discurso pragmático, onde há duas vias de acesso à verdade, em épocas históricas distintas, o **cuidado de si** (epiméleia heautoû), subordinado na exata medida de sua relação com o **conhecimento de si** (gnôthi seautón). Aqui

o sujeito vive uma trajetória procurando fazer o que se diz o que é certo, o que é verdade, um percurso que perpassa gerações e histórias diferentes, mas que se entrelaçam em contexto parecidos, as vezes até igual, só muda os personagens, e se busca um contexto que mude a história, mas as linhas que fala desse sujeito jamais serão apagadas, pelo contrário, histórias que serão contadas e lidas, uma beatitude que faz do sujeito um conhecedor de si, que dialoga num contexto social que permeia uma sociedade conservadora e machista.

A verdade é o que ilumina o sujeito; a verdade é o que lhe dá beatitude; a verdade é o que lhe dá tranquilidade de alma. Em suma, na verdade e no acesso à verdade/há alguma coisa que completa o próprio sujeito, que completa o ser mesmo do sujeito e que o transfigura. Resumindo, acho que podemos dizer o seguinte: para a espiritualidade, um ato de conhecimento, em si mesmo e por si mesmo, jamais conseguiria dar acesso à verdade se não fosse preparado, acompanhado, duplicado, consumado por certa transformação do sujeito, não do indivíduo, mas do próprio sujeito no seu ser de sujeito. (FOUCAULT, 2006, p. 21).

### 3 INVISIBILIDADES, VIOLAÇÃO DE DIREITOS E FEMINISMO

Fazer uma analogia de cada narrativa que me levou a pesquisar sobre o ser mulher com faixa etária entre 60 a 80 anos com referenciais teórico que dialogam na mesma linha de pesquisa, onde o escritor transcreve em linhas mais crítica e real para o leitor uma realidade que vem de época longínquo e até nos tempos de hoje, permanece ainda uma cultura conservadora, colonizada dentro de padrões moralista por uma sociedade machista, misógina, heteronormativo, é imaginar o pesquisador, filósofo, sociólogo e escritores constroem histórias de mulheres que gritam por socorro, por serem violentadas por homens, é ver a desvalorização a mulher, o racismo sofrido pela mulher negra, o preconceito e a discriminação a mulher do campo, a violência do estereótipo ideal, a desigualdade profissional, a luta por uma equidade de gênero. Na perspectiva analítica introduzida pelo reconhecimento da categoria gênero, a construção da masculinidade e da feminilidade é considerada um produto histórico, variável no tempo e no espaço. Para além da diferença biológica e sexual entre homens e mulheres, as sociedades elaboram de maneira diferenciada, social, econômica e culturalmente determinada, um conjunto de normas, valores, costumes e práticas que definem modos de ser, atitudes e comportamentos próprios a homens e mulheres. Esta construção prescreve as próprias relações entre ambos, frequentemente caracterizadas por uma discrepância na distribuição de poderes.

Temos a participação de muitas mulheres em vários segmentos que fizeram e faz lutas por direitos, desconstruindo imposições e políticas que as oprime, negando o direito de fala e de ocupar os espaços político e social que possa a virem a desempenhar na sociedade, todas as conquistas das mulheres foi por meio das lutas, articuladas com os movimentos e coletivos sociais que reverbera até os tempos atuais, corroborando nas lutas feministas, nos anos 60, 70 a mulher era doutrinada com palavras de ordem; comporte-se, seja gentil, paciente, sorria, mulheres não podem tocar negócios sem a autorização dos homens, segundo a lei era proteger a mulheres:

As mulheres são “amputadas”, sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem força e coragem. Isto constitui a raiz de muitos fenômenos, dentre os quais se pode realçar o fato de seguros de automóveis exclusivamente dirigidos por mulheres custarem menos, porque, em geral, elas não usam o carro como arma, correm menos e são mais prudentes. (SAFFIOTI, 2015, p. 35).

Essa disparidade entre homens e mulheres é uma construção que vem de épocas, e que perpassa pela sociedade como opressor, onde a grande vítima são as mulheres, a articulação de

mulheres na luta pela igualdade é a reivindicação mais arraigada pelos coletivos e movimentos feministas.

Segundo o autor Luís Felipe Miguel (2014) o movimento feminista foi erigido tendo a igualdade como bandeira fundamental. Desde as primeiras manifestações de inconformidade com a dominação masculina, as mulheres reivindicam acesso a liberdades iguais às daquelas de que os homens desfrutam. Essa igualdade de direitos é embasada na afirmação da igualdade fundamental entre homens e mulheres.

As autoras feministas ou pré-feministas vão enfatizar sobretudo que as mulheres são iguais aos homens na capacidade intelectual, no potencial de contribuição para a sociedade e na virtude. No entanto, a igualdade reivindicada vai ser entendida como a busca pela inserção numa universalidade que não é neutra – já está preenchida com as características do “masculino”. As mulheres querem ser cidadãs, mas a própria ideia de cidadania foi construída tomando como base a posição do homem (e, em particular, do homem branco e proprietário) numa sociedade marcada por desigualdades de gênero, bem como de raça e classe.

Vivemos num país marcado por uma desigualdade social que teve início desde a invasão da coroa portuguesa ao Brasil, se apropriando de terras que não lhes pertencia, e exterminando os povos indígenas e negros, a partir desse marco há uma segregação de poder, onde a maioria da população é a minoria política, a concentração no acesso a recursos e à influência política é um dos grandes domínios de poder, e a posição das mulheres é ainda marcada por uma perseguição patriarcal e machista. A mulher vem conquistando seu espaço por meio da luta nos movimentos feministas e da auto-organização em grupos de mulheres, isso é algo visível, temos vários coletivos de mulheres que atuam na militância, com objetivos alinhados na mesma perspectiva de luta; por direitos, o lugar de fala é uma das lutas de maior resistência que a mulher enfrenta enquanto direito, a participação da mulher é presente em todos os segmentos da sociedade, quero destacar o movimento de mulheres camponesas, que vem crescendo e se destacando pela autonomia e participação na agricultura familiar, tendo com viés a agroecologia.

É pertinente fazer um destaque a fala da socióloga Eva Blay, professora titular da Universidade de São Paulo (USP) e coordenadora do Escritório USP Mulheres, entrevista concedida a Agência Brasil, onde ela fala da luta das mulheres operárias que não tinham horário de trabalho, trabalhavam 12 horas, 15 horas, as crianças trabalhavam, em meio à opressão saíam às ruas com a proposta de redução da jornada de trabalho, e que depois disso, do ponto de vista político, as mulheres continuam a lutar por igualdade de direitos e de deveres como estar na constituição de 1988, ela destaca também os avanços conquistados; homens e mulheres são



iguais perante a lei. E questiona: ser igual significa o quê? As mesmas oportunidades de estudar, de não ter limitações nas carreiras, de não ter um teto de vidro que limita ascensão das mulheres nas carreiras. Uma mudança geral na estrutura da sociedade. Ela faz um questionamento, em qual área não houve avanço? Na violência, continua na pior situação, há o assassinato de mulheres, a violência dentro de casa, o estupro, o incesto, é a área que menos conseguiu avançar. Até os tempos de hoje, em pleno século 21, as mulheres são violadas e violentadas em diversos aspectos, os registros sobre feminicídio tem aumentado cada vez mais, há um silenciamento e uma resiliência da sociedade em debater temas quando a questão é feminismo, há uma resistência na reformulação das leis, uma vez que os poderes jurídicos na sua maior totalidade é formado por homens, que traz consigo o conservadorismo entranhado em suas atitudes e comportamentos, e é aqui que entra em cena os movimentos sócias, são eles que criam os coletivos com a militância e suas comissões pautando em narrativas e propostas que dialogam com a luta das mulheres.

A pátria é pária e antifeminista e a uma pandemia a mulher, mais uma vez é posta em pauta como deboche e uma insignificância e banalidade por uma conduta retrógada de um governo antidemocrático e fascista. O Conselho de Direitos Humanos da ONU (Organização das Nações Unidas) vota duas importantes resoluções para definir e assegurar o compromisso internacional dos Estados em relação aos direitos das mulheres. Durante a negociação dos textos em votação, o Brasil pediu a retirada de parágrafos inteiros que recomendavam o pleno acesso de mulheres à saúde e a direitos sexuais e reprodutivos. A delegação brasileira foi contra a inclusão do artigo que preconizava o acesso a informações e métodos contraceptivos, bem como ao aborto seguro e legal e à prevenção e tratamento de infecções sexualmente transmissíveis, HIV e cânceres reprodutivos. Desde o ano passado, o Brasil vem dando apoio inédito às chamadas “emendas hostis” propostas por governos conservadores para negar o acesso de mulheres a seus plenos direitos.

### 3.1. CULTURA DO ENVELHECIMENTO PERMEADO POR UMA RELAÇÃO ENTRE SOCIEDADE E SOCIALIZAÇÃO PRIMÁRIA

O envelhecimento tem relação com fatores biológicos, culturais e sociais, é um fenômeno do processo da vida, assim como a infância, a adolescência e a maturidade, e é marcado por mudanças biopsicossociais específicas, associadas à passagem do tempo, e se associa, infelizmente, a um sentido estigmatizado, quando atribui à velhice uma marca depreciativa, associando-a a preconceitos, a peso, a inutilidade, a dependência, a doença, a ausências de beleza, de resistência, de ousadia, negando-a inclusive um futuro. Segundo

Bacelar (1999), trata-se de um conjunto de alterações psicofísicas do organismo da pessoa e de sua maneira de interagir com o meio social no qual está inserida” (*apud* BULLA *et al.*, 2014, p. 2).

Envelhecer é um assunto que causa inquietação na sociedade, sendo associado a algo relativamente ruim e indesejável. A cultura do envelhecimento tem total relação com a sociedade onde estamos inseridos, a nossa socialização primária, aos hábitos e costumes adquiridos com o tempo, as subjetividades de cada indivíduo. O envelhecimento é marcado por preconceito e exclusão, o chamado “não presta, joga fora”, a palavra velho é pejorativamente dizer que não tem mais serventia, é agressivo, doloroso e violento psicologicamente, a sociedade a apaga do contexto social por completo, aniquilando um sujeito cheio de conhecimento e sabedoria que tem muito a contribuir, sabemos que há limitações, mas não deixou de ser sujeito humano. E para a mulher essa realidade é mais marcante e presente, os aspectos que as tornam fragilizadas, e ainda mais inviabilizadas, onde elas se veem afetadas quando envelhecem, tais como: discriminação e gerofobia, solidão, mudanças e perdas físicas e sociais. Mas diante de todo esse contexto, ela apresenta ainda, os aspectos positivos de ser mulher e idosa. Os problemas e mudanças que acompanham essa etapa de vida são predominantemente natural, mas jamais deixará de ser feminista, podemos dizer que a velhice se feminilizou. As mulheres, têm sido socializadas e treinadas para temer a velhice. Negando o próprio processo de envelhecimento, com o objetivo de escapar das penalidades impostas à velhice. Sabe-se que, em uma sociedade, é melhor ser homem do que ser mulher, ser jovem do que ser velho, portanto ser mulher e ser velha é duplamente desvalorizado (SÁNCHEZ, 1990, p. 137). Às desigualdades sociais, políticas e econômicas que são enfrentadas por todas as mulheres se agrega, à mulher idosa, a discriminação pela idade, que caracteriza uma sociedade orientada para a juventude. É difícil entender a falta de atenção aos problemas da mulher idosa quando vemos que a transformação social e econômica que acompanha o envelhecimento de uma sociedade está relacionada particularmente com a mulher. A mesma sociedade que cultua o jovem e enfatiza a importância do homem faz com que se preste pouca atenção à mulher idosa.

Simone de Beauvoir, em um de seus mais profundos textos, a velhice reflete de uma maneira realista e objetiva, quase agressiva, sobre a velhice, esse estado do ciclo de vida que à maioria dos seres humanos assusta e que a sociedade ensina a rejeitar. Beauvoir (1990, p. 29) assinala que:

A velhice não é uma conclusão necessária da existência humana, apesar de que é uma verdade empírica e universal que a partir de certo número

de anos o organismo humano sofre uma regressão. Ao final de certo tempo acarreta uma redução das atividades do sujeito, muitas vezes uma mudança de sua atitude em relação a si mesmo e em relação ao mundo.

Já para os povos indígenas, o ancião, como é chamado, eles são extremamente importantes, principalmente pelos conhecimentos espirituais desenvolvidos durante toda a vida. Quero fazer um destaque a etnia Baniwa que vivem na região do Alto Rio Negro na Amazônia e para eles o papel social mais marcante entre os idosos Baniwa é o de sábio ou profeta. Desde a metade do século XIX até hoje, os Baniwa têm seguido sábios, que são considerados enviados de Deus. São pessoas com dons de curas milagrosas, capazes de profetizar acontecimentos, de saber o que ocorre em outras localidades distantes e de conhecer previamente as intenções das pessoas.

Segundo Vidal (1977:205, notas 1 e 3) "os velhos que possuem o conhecimento que nos deram de presente" e *kukradjà* como "conhecimento; propriedade desse conhecimento"; em outro, *kukradjà* é traduzido como "um privilégio herdado de um *ingêt* (avô ou irmão da mãe)" (Vidal, 1977:231, nota 2).

Velhos (as), idosos (as) são palavras pejorativas, alicerçadas por preconceito e exclusão, esse conhecimento que é único e singular, rico em sabedoria, que nos é dado como presente e herança é um conhecimento que muito já contribuiu e permanece vivo contribuindo para a formação educacional do sujeito. A cultura do envelhecimento tem total relação com a sociedade onde estamos inseridos, a nossa socialização primária, aos hábitos e costumes adquiridos com o tempo, as subjetividades de cada indivíduo

#### **4 HISTÓRIAS DE VIDA DE MULHERES DO BAIRRO PEREIROs – MOSSORÓ/RN**

Narrativas de mulheres, proporcionando uma Concepção de SER MULHER, em uma época em que ela não tinha o direito nem de pensar, mulher "objeto" é o título mais apropriado para época, aqui elas expõem seus valores, dificuldades, luta e vitória, que hoje conta utilizando como metodologia, memórias e relatos de vida, com alegria e orgulho, uma trajetória que tem a compartilhar um legado de história, que no decorrer de décadas fez e faz o diferencial em ser mulher, a matriarca da família, numa sociedade patriarcal, machista e preconceituosa. Logo mais está descrito o que as mulheres, sujeitos desta pesquisa, relataram sobre sua história de vida, destacando pontos como a infância, seus afazeres, suas percepções sobre liberdade, casamento, família, sobre os homens da casa (pai, marido, filhos, irmão), e o adoecimento do cuidar como papel exclusivo da mulher.

**Maurícia Teixeira Dantas** – nascida em 10/06/1936 – é a oitava filha de 08 filhos.

Sua mãe dona Maria da Conceição Felipe da Costa, e seu pai Francisco Teixeira, ambos falecidos, nasceu em Mossoró/RN, no bairro Pereiros, bairro tradicional da cidade, por ser bastante populoso e conhecido por esse nome pois na década de 50, 60 e 70 existia muitos pés de pereiros no bairro, ficando conhecido pelo nome de Pereiros. **Infância:** ainda criança, tinha nove anos de idade fiquei órfã de pai, fui criada pelo meu irmão, ele foi meu pai, só sai de casa quando eu fui me casar, minha mãe foi trabalhar pra sustentar e terminar de cuidar da gente, era cozinheira do hotel cearense, só veio trabalhar depois que meu pai morreu, eu era a mais nova, as minhas irmãs trabalhavam em armazém de algodão, ficava próximo da nossa casa. **Ser mulher;** como era ser mulher naquela época, era difícil a mulher trabalhar?? “Não, era não, elas trabalhavam pra ajudar a mamãe, pra comprar alguma coisa pra ela”. **Estudos;** nós estudávamos mesmo minhas irmãs trabalhando pela manhã e à tarde íamos estudar, estudei até o terceiro ano do primário, com Bernadete, a prefeitura mandava as cadeiras e ela ensinava em sua casa. **Trabalho;** nunca trabalhei, me casei, meu marido não deixava, ele trabalhava pra sustentar a família. **Papel da mulher;** eu cuidava da casa e dos filhos, era bom naquele tempo, em termo de trabalho, responsabilidade, de tudo, hoje é muito diferente de antigamente, comparando hoje, não tem a liberdade de criar os filhos, hoje a gente cria os filhos morrendo de medo, a gente não sabe nem pra que vai dá, os netos também, graças a Deus tive muita sorte com meus filhos, **hoje pela sua idade, comparando antes, quando você fala que tinha liberdade, você tem liberdade?** “Assim; tenho em algumas coisas; de andar, de passear, né? Já tem o pastoril pra gente se divertir, tem festa no centro geriátrico, a gente vai”. **Machismo e ciúmes;** hoje eu tenho uma vida melhor de quando eu era solteira, porque meu irmão não deixava, tinha ciúmes, não sei por quê! Antigamente, a noite tinha valsa, a tarde danceteria aqui na rua, mas pra gente ir pra valsa meu irmão ficava ali, pastorando, era pra dançar bem longe, não deixe ninguém arrochar, a gente colocava o braço no cavalheiro e não podia encostar, é ver hoje em? **Sangue nas veias da arte, de ser artista;** “comecei a dançar o pastoril aos sete anos de idade, o pastoril já existia, quem criou aqui nos Pereiros foi a gente, aprendemos aqui mesmo, a gente era menina, dançava, se apresentava, fomos se apresentar em Baraúnas, **seu irmão se incomodava?** Não, não se incomodava, naquela época não tinha tanta violência, ele dava liberdade a gente pra dançar o pastoril, mamãe trabalhava até seis e meia, sete horas ia pegar nós no bairro Doze anos, porque não deixava a gente vir sozinha, **namoro a casamento** aí foi quando comecei a namorar com Louro, aí que ela não deixava mesmo eu vir sozinha, namorei seis anos pra poder casar, João Dantas de Melo (esposo), conhecido por Louro é o meu esposo,

ele foi o meu primeiro e único namorado, casei com 18 anos, meu irmão não queria porque eu era muito nova, ainda lembro como foi; procurou saber quem era ele, meu irmão viu que ele trabalhava como garçom, mamãe gostava muito dele, respeitava muito mamãe, ele era natural de Assú, passei muitos anos casada já ia fazer 60 anos de casada. eu me casei ai no Alto da Conceição, seis e meia, debaixo de chuva, só não tive festa, tinha minha casinha, quando eu me casei não tinha essa história de móveis, ele encomendou uns tamboretos, uma prateleira, armário, tudo foi feito na cadeia, minha casinha foi bem arrumadinha eu não tinha fé. Tive o primeiro filho com 09 meses de casada, o povo pensava que eu tinha casada grávida, naquele tempo era muito ignorado casar grávida, meu útero era bem limpinho, num instante engravidei, eu adoeci no dia 13, passei uns dias pra poder casar, o médico disse que meu útero era limpo, num instante engravidei, **ser mulher em uma época em que o patriarcado ecoa fortemente, o feminicídio não era tão marcado como vivenciamos nos tempos de hoje, as dificuldades e discriminação à mulher nos anos 30, 40 era bem maior, até chegar nos anos atuais, hoje também há uma discriminação por parte da sociedade com a mulher, mas fazendo esse intervalo de épocas, a discriminação com a mulher era diferente de hoje?** a mulher era muito espiada, nam, aí fulano aquela menina tá falada, antigamente era assim, hoje é diferente, tem liberdade, os filhos da gente sai e não sabe de que horas chega, a gente ia pra o baile, mas mamãe ficava ali todo tempo, olhando a gente, tinha hora de voltar, as festas era aqui nos Pereiros, bem mais sadia, não tinha violência. **Hoje a violência e o homicídio contra a mulher é bastante visível pela mídia, e os números só crescem, antigamente existia isso?** “Não, nunca, nem ouvi falar que se matava mulher, era muito calmo naquele tempo, não tinha violência como hoje, a gente ia pra o clube não existia estupro, eles respeitava a gente, meu irmão era gerente do bar Ipiranga, uma vez uma turma vinha de lá, a gente vinha também em outra turma, duas horas da manhã, ninguém olhava pra gente, uma vez nós vinha do clube Acéu, eu toda vida fui cheia de coisa, eu andava com um revólver de plástico, mulher não esqueço dessa nunca, Jesus sabe que eu não estou mentindo, andava aqui na cintura, pra fazer medo, naquela época festa não terminava de manhã, terminava de uma, duas horas da manhã, tinha hora de terminar, vinha uma turma, uns cabras acompanhou a gente, aí eu disse, não tenha medo não, que eu vou preparar uma pra eles, Iolanda morrendo de medo dizia: mulher pelo amor de Deus, não tenha medo, um disse assim: eu pego uma e você pega outra, eu me virei pra eles apontando a arma e perguntei: o que você disse? Não, não, peraf, a gente tá brincando, não esqueço dessa palhaçada nunca, eu sempre gostei de traquinagem, de palhaçada, **você realmente viveu né MAURICIA?** Vivi, tenho muita história; do pastoril, passeio, dança, de tudo, hora eu não tinha o que fazer, tinha uma família que vinha só olhar eu pular da oiticica

pra dentro do rio, na beira do rio tinha umas oiticicas alta, meu irmão tinha tanto cuidado em mim, ah por isso que seu irmão tinha cuidado em você, porque você sempre foi **traquina!** (Luiza), ele e minha cunhada tinha e tem muito cuidado em mim, fiz tanta coisa na minha vida, hoje estou pagando, toda esculhambada das pernas, do corpo, de tudo, mas vivi, graças as Deus.

**Figura histórica que merece ser reconhecida pra Mossoró, tem que ser reconhecida.**

**Criação dos filhos com dificuldade, mas com dignidade, honra e trabalho;** eu tive treze filhos, todos casaram, moram em sua casa, Juscelino é o mais novo ele é adotivo, morei um tempo em Natal, meu esposo Jalmir foi trabalhar no restaurante Saraiva, onde fui morar tinha uma vizinha, ela tinha um filho ainda bebê, judiava muito com ele, mulher da vida, um dia Cecê (filha) disse; mamãe ela deixou ele debaixo da cama, ela não se importava com ele, quando ia andar no mundo deixava-o debaixo da cama, encontrei um dia com o tio dele, disse que queria criar aquela criança, me perguntou: você quer mesmo? Pois você vai criá-lo, e a mãe? Vou falar com ela, Juscelino tinha 06 meses quando eu peguei pra criá-lo, criei meus filhos com dificuldade, naquela época era difícil, mas hoje é bem mais difícil, tem a violência, eu tive duas barriga de gêmeos, um morreu, só tive um em casa, era tudo operado, no meu tempo não existia anticoncepcional, nunca evitei, todo ano era um menino, todo ano, é ver hoje que a mulher não quer, eu pari até não querer mais, tinha meu marido, ele trabalhava, vamos parir, tudo me servindo hoje, tenho 27 netos e 7 bisnetos, fora os que tem no meio do mundo que não conheço, outro dia apareceu uma que mora em São Paulo, **submissão da mulher após casamento;** quando elas casaram deixaram de trabalhar, antigamente era assim; casava deixava de trabalhar; ninguém trabalha, a função do marido era sustentar a família, **dançar o pastoril é felicidade estampada;** eu fico feliz dançando o pastoril eu me zibo (mostro) tanto, eu já saio com meu gesto de dançar, eu saio no ponto de me zibir (aparecer), a gente fazia a roupa de papel crepom pra dançar o pastoril, um dia quase que eu ficava nua, comecei a me requebrar e suar, **uma artista descoberta pelo Circo Nerindo;** Maurícia fale de suas apresentações no circo da cidade; “Era bom que só no circo Nerindo, era falado, mamãe trabalhava no hotel, ai de tarde eu e Marieta (irmã) íamos assistir, e fazer trapézio, Marieta dançava na bola e eu trapézio, o homem do circo queria levar a gente junto com o circo, eu queria ir junto com eles, mas mamãe disse que eu não ia, eu pedia a mamãe: deixe eu ir pra o circo? ela não deixou a gente assistir mais, com medo da gente ir embora com o circo, eu devia ter ido embora com o circo, eu ia ter muita história pra contar rrsrrrs, mas você tem muita história pra contar Maurícia, mesmo sem ter ido com o circo (Luiza). **Brincadeiras e lembranças;** nós brincávamos de: bola ao campo, dona de barra, pular corda, tinha uma brincadeira de doido, quando tinha lua cheia, a gente ia pra esquina de Marcelina, aquela grade tem muita história pra contar da gente, os meninos não

podiam brincar porque era atimotado, ficava com imoralidade, se agarrava com a gente, quem chegava primeiro ficava em primeiro lugar, era muito bom naquele tempo, hoje não querem mais brincar, só querem ficar no celular, eu ia pra o rio fazer traquinagem, pegava a canoa e o remo, ia andar de canoa toda tarde, passava por debaixo de uma ponte pra outra, o povo ficava olhando, tenho muita coisa pra contar aqui dos Pereiros, quando o rio vinha a gente dizia: lá vem o rio, era muito bom antigamente, todo mundo unido, atravessei o rio pra pegar batata doce, ninguém quis atravessar eu fui, meti o braço na água e não soltava a batata, se pudesse viver, vivia tudo de novo, é muito bom viver, toda vida tive vida boa. **Reconhecimento de ter vivido e ser uma artista;** eu vivi muito, vinham me chamar pra brincar de circo aqui nos Pereiros, eu era artista, sentava no chão na areia grossa, em forma de círculo, eu deslocava dentro do tamborete, naquele tempo não tinha isso de tirar foto, as fotos fica só na memória, **Olhar pra lua faz recordar;** olhei pra lua esses dias lembrei daquele tempo que eu namorava com Louro em casa, quando dava nove horas meu irmão começava; tá na hora, vai dá nove horas, eu ia deixar ele lá fora, tinha dois pés de carnaúba, a gente se agarrava, beijava, Mamundo (Raimundo/irmão) ficava: ei o que vocês estão fazendo? Maurícia, tá na hora, relembrar é bom demais, não podia sair. **Respeito aos pais;** antes a gente fazia conta de pai e mãe, hoje não existe isso, não tínhamos liberdade pra sair com namorado, namorei seis anos com meu marido, foi o primeiro e o único. Meu pai Francisco Teixeira, natural do estado do Ceará, foi policial, morreu do alcoolismo, Maria da Conceição Felipe da Costa, minha mãe, ia trabalhar e deixava o feijãozinho no fogo, tinha dias que tinha tempero, trazia do hotel pele de carne pra colocar no feijão, dias não tinha, a noite nós a esperávamos chegar do hotel pra comer sopa, que trazia do hotel e distribuía com o pessoal da rua, mamãe deu muita comida pra o pessoal aqui dos pereiros, as coisas eram mais difíceis, mas nunca passamos fome. **Liberdade;** eu não tive liberdade, meu irmão nunca deixou, eu vim ter liberdade quando casei, me soltei, vivia no mundo, aí eu conheci muita coisa, era eu e ele, é difícil ser idosa?: eu mesma não acho difícil, tem gente que acha, eu quero que Deus me dê muitos anos de vida pra dançar, namorar, todo idoso tem esse direito sim, de dançar, namorar, de viver, o idoso é pra ter direito a tudo, namorar, dançar, fazer tudo que tem direito, e ser feliz, porque o idoso só tá feliz quando tá com uma turma, dançando, namorando, paquerando, ai como é bom!, é bom demais, ai é muito bom ser feliz!, ser idoso, só em ser respeitado, **A maternidade;** naquela época era difícil ser mãe? Não, eu não achei muito não, sabe por que? É difícil pra quem não tem um pai que assuma, que ajude, toda vida eu tive meu véi, ele sempre trabalhou, nunca faltou nada pra os filhos, nem pra mim, nunca meus filhos me pediram um pão pra eu dizer que não tinha, era um bom marido, aí Jesus levou ele, mas era um bom pai e esposo, ele tinha muito cuidado, trabalhou

muito, pra os filhos não passarem dificuldade, e nem eu, ele morreu, mas deixou uma coisa muito boa pra mim, minha casinha, não tenho inveja da casa de ninguém, se ele fosse vivo eu ainda era feliz, mas é assim; nasceu, morreu, trabalhou um tempo de cozinheiro na salina, todo ano vou no Canindé, comecei a ir quando casei, faz muito tempo que vou, eu tinha dado uma parada em ir, tive um problema de saúde, fiquei na hora da morte, fiz uma promessa a São Francisco ir de marrom, tirei um rim, só tenho um rim e nunca senti falta do outro rim e graças a Deus sou uma pessoa saudável, sou feliz.

**Maria Nelma Pereira de Sena** – nascida em 27/07/42 - terceira filha de seis filhos.

Casei-me com 28 anos idade, em 1971 tive o primeiro filho, **Mulher do campo**, nasci e morei por um tempo no sítio Logradouro, município de Caicó, eu sou a mais nova de seis filhos, a minha **infância** foi muito boa, mamãe fazia queijo de manteiga, papai era agricultor, tinha duas propriedades, minha mãe era natural de Timbaúba dos Batistas, nós não brincávamos quando criança, mamãe papai botava a gente pra fazer trabalhos da roça, depois a gente foi estudar em Caicó, a dificuldade hoje é muito grande, sua mãe trabalhava? “Não, pelo contrário ela tinha empregada, lavadeira. **Sair do campo para a cidade**; eu vim pra Mossoró, morei 02 anos na casa da minha irmã, eu era a empregada que ela não tinha, ela casou com um rapaz do banco do Brasil, quando ela entrou de férias e disse vamos pra Caicó, eu nem dormi de noite, tão ansiosa, mamãe queria que eu voltasse, e eu disse que não voltava pra Mossoró, depois de um tempo eu voltei, e foi qdo eu conheci Edvaldo, dona Nelma a senhora disse que antes era bem melhor do que hoje, como assim, em que sentido? **Fatura no campo**; porque lá tinha muito inverno, papai tinha duas propriedade, todo dia mamãe fazia feijão, comida de milho, nós vivíamos de plantação, papai plantava cana, farinhada, a gente comia mel de engenho com farinha, antigamente não tinha energia, era manual, puxado na manivela. **Trabalho infantil**; morei no interior até os 12 anos de idade, mamãe me obrigava a lavar roupa de ganho, coisa que não precisava, ela tinha recha de mim, não sei por quê? O dinheiro da lavagem era seu? Basta, ela não me dava um sabonete, eu e meus irmãos trabalhava no roçado, apanhava feijão, milho, algodão, papai tinha trabalhador. **Estudos**; a gente ia pra escola lá no sítio mesmo, a escola era muito boa, fazia o exame de admissão, eu estudei até a sétima, o professor me reprovou por conta 0,75 décimo, eu chorei muito, eu desisti dos estudos, tenho dois irmãos formado, me arrependo muito porque não estudei, **Namoro, Casamento**; eu casei com Edvaldo tinha 28 anos, mas pense, foi a pior coisa que eu já fiz, ele era preguiçoso, não arranjava bico, ele só tinha quinta série eu tomei comprimido durante 04 anos pra poder ter meu primeiro filho, a gente morava em casa de aluguel, era o maior sufoco do mundo, ele era muito machista, tinha



um ciúme de mim quando eu dizia que ia trabalhar, meu filho tomava leite com nescau e farinha láctea, ficava satisfeito, mas o mais velho Edneumo já comia comida de panela, e ficava dizendo que estava com fome e não tinha, eu estou com fome eu estou fome, tinha uma vizinha, dona Amélia, todo dia dava a janta dele, aí eu disse que ia trabalhar, fui no armazém de sal pedir trabalho, qdo cheguei o homem disse que ali era serviço pra homem, meu menino pedindo e não tinha o que comer, e ele nem ligava, seu Edvaldo foi seu primeiro namorado? ‘Não. Seus pais deixava você sair?’ não, eu era muito presa, eu namorei com um rapaz da Paraíba, eu fui conhecer a mãe dele, passei uma semana na Paraíba, acabei passando duas semanas, todo dia ia conhecer uma pessoa da família, **decepção**; teve um dia que eu cheguei, ele estava brigando com a mãe na cozinha, só faltava a engolir, fui embora pra Caicó, quando cheguei em casa, escrevi uma carta pra ele acabando o namoro, naquele tempo era carta, não tinha celular, quando foi pra Caicó querendo saber o motivo pelo qual eu acabei, eu disse: quer saber mesmo? Eu vi você brigando com sua mãe na cozinha, certamente você ia fazer a mesma coisa comigo, eu não gostei, eu vendo você quem é, fazia dez meses que a gente namorava, aí vim pra Mossoró, namorei com um rapaz que tinha até as alianças, me pediu em casamento na semana santa, **possessividade**; mamãe escreveu uma carta pra ele dizendo que eu tinha tido uma doença e não podia ter filhos, e era verdade dona Nelma? é mentira mulher, ela não queria que eu cassasse, mamãe queria que eu trabalhasse feito uma escrava, Papai dizia assim; é, fui castigado, porque tenho raiva da mãe que trata um filho diferente do outro, lá em casa tinha barril e jumento pra encher, mamãe mandava eu ir encher os potes, papai disse assim: Neta tem os jumentos e os homens pra encher, ela respondia: mas eu quero ela, papai disse; não gosto da mãe que adula mais um filho e tem recha no outro, ela batia nos peitos; quem pariu foi eu, eu tinha nove anos nesse tempo, até hoje eu me lembro, eu não estou chorando porque eu estou tomando remédio que o médico passou pra não chorar, eu era tão nervosa, tudo chorava, **Liberdade ilusória, posse**; eu queria bem a Edvaldo, mas não tanto, quanto pensava, agora que estou reconhecendo que me casei pra me livrar de minha mãe, mas foi muito pior, a gente não tinha casa, morava de aluguel, qdo meu sogro morreu colocou o dinheiro na poupança pra comprar essa casa, eu casei pensando que ia ter liberdade, foi totalmente diferente, ele me tinha como propriedade dele, nas férias minha irmã ia pra Caicó e lá tinha piscina da AABB e um dia nós fomos pra piscina com as crianças, eu vesti o maiô, quando ele me viu disse assim: você é uma mulher casada, e eu disse; valha e o que é que estou fazendo de errada? eu fui e amanhã eu vou de novo, era assim, queria me trazer feito uma escrava, ele era bruto, ignorante, mas nunca me bateu, tinha o maior prazer quando chegava em casa, que eu estava lavando roupa, ficava com as mãos no bolso e ficava olhando pra mim, minha avó tinha pena de mim, aí

mandou me sequestrar, eu fui com minha prima, ela mandou eu ir pra delegacia, papai selou um cavalo e foi lá em Timbaúba, a gente desencontrou-se, o meu tio, irmão de mamãe foi atrás de papai pra me socorrer, ele estava com um cipó pra bater em mim, graças que não nos encontramos e não me pegou, mamãe dizia que estava com saudade de mim, ora eu lavava, passava, fazia tudo, passou quanto tempo na casa de sua avó? eu nem me lembro mais, só sei que eu chorava, que mamãe dizia que estava com saudade, a besta foi e voltou, seu pai, sua mãe batia na senhora? Papai não, ele tinha raiva porque mamãe tinha recha em mim, e sua mãe açoitava a senhora? Hora não, eu apanhei tanto, mas tanto, ela dava até de pau, a senhora veio embora pra Mossoró tinha quantos anos? 16 anos, minha irmã casou, eu fui morar com ela, morei 02 anos, ela não sabia fazer nada, dona Nelma estudar naquela época era difícil? Tinha escola? era sim muito difícil, tinha sim escola, eu não tinha nem tempo de estudar, apanhava feijão, **Orgulho em ser mulher, respeito e machismo**; Dona Nelma ser mulher é difícil? É não, me orgulho de ser mulher, na minha época era difícil, mas hoje é diferente, todo mundo tem sua liberdade, eu nunca botei chifre em Edvaldo, os amigos dele davam em cima de mim, tinha um que me cantava, eu de resguardo de Edenumo, ele vinha aqui e me cantava, eu nunca contei pra o meu marido, **criação dos filhos**, Dona Nelma a senhora já criou os meninos totalmente diferente de sua mãe não foi?? Foi sim, o que a senhora sentiu quando começou a trabalhar? **Liberdade**, ninguém me discriminava no meu trabalho, a senhora fazia o que na escola? serviços gerais, eu gostava, mas tinha uma merendeira que tinha inveja de mim, o salário de seu Edvaldo era na sua mão? Era sim, todo mês eu dava cem reais a ele, quando a senhora morava no interior como era as vestimentas das moças? Naquele tempo não usava roupa decotada, nem calça comprida, era só vestido, aposentada pela idade, dona Nelma ser idosa/o é difícil? Não, graças a Deus, eu ajudo a Daniela, eu compro meus remédios, minha filha é uma menina muito boa, **a senhora sabe que o idoso tem certas limitações, a senhora deixou de viver, de fazer as coisas por estar com a idade que estar hoje?** Não, de jeito nenhum, estou vivendo, peço muito a Jesus não ficar acamada, é muito triste as pessoas ficarem acamada, **a senhora ocupa o seu tempo fazendo o que?** Meu joguinho no celular rrsrrs, **é bom ser mulher?** eu adoro ser mulher, queria ser mulher de novo. **Trabalho, exploração e machismo**; trabalhei nas casa dos retalhos (velho Chico) eu tinha 16 anos, ele era metido a galo, **dava em cima da senhora?** Dava sim, ele botou várias moças na rua, quando ele soube que eu era irmã de Abraão, aí não mexeu comigo, quando comecei a trabalhar ele disse: você vai trabalhar de graça, se você vender bem, eu lhe pago, no primeiro mês ele pagou, **mulher brincalhona**, eu sou muito brincalhona, naquele tempo a conta era no lápis, sabia a tabuada, no primeiro mês eu vendi mais que a outra que trabalhava lá, ele disse; você é boa mesmo no

papo, fazer o quê velho Chico, Deus me fez assim; o povo chegava eu dizia: pode entrar, não paga na entrada, só paga na saída, **beleza da mulher** Quando solteira, eu era muito bonita, linda, mamãe tinha raiva porque o povo dizia que eu era mais bonita que a outra minha irmã, **tabu na menstruação**; eu estava tomando no açude, quando fui moça, nem sabia o que era, lavava as calcinhas no açude, pensava que era uma doença, com medo de dizer a mamãe, eu escondia a calcinha debaixo da cama, mamãe lavava roupa, e ela desconfiou, chegou pra mim e disse: você foi moça, eu chorei tanto, tanto, nem me disse nada, não sabia, mamãe disse que todo mês vinha, eu casei virgem, Edvaldo queria, mas eu não deixei, nam, tá doído, casei no civil e na igreja, 48 anos de casamento 08/07, **trabalhar enquanto casada**, trabalhei 29 anos pelo estado, como ASG na escola estadual Solon Moura, eu gostava muito de trabalhar, todos me respeitava, fui trabalhar como zeladora, não tinha estudo pra ocupar um cargo mais alto, **ele implicava por que a senhora trabalhava?** Não, ele trabalhava fazendo mandado, nisso ia me pastorar (vigiar), passava o dia batendo perna na rua, eu ia trabalhar doente da vesícula, chorava tanto com dor, e ele dizia que era mentira, **quando começou a trabalhar já tinha os meninos?** Já, os meninos já era grande, um cuidava dos outros, eu ia trabalhar de ruge e batom, ia toda maquiada, de vestido, **Naquela época já usava calça?** Não. Edvaldo ficou acamado e eu nunca fui grossa com ninguém, a senhora sempre sorrindo e alegre, as vezes eu chorava, mas é normal a vida é uma luta, mas eu peço muito a Deus muita saúde pra cuidar de Daniele, o que a senhora tem a dizer do homem? Machista, grosso. **Cuidados na enfermidade**; quando Edvaldo adoeceu eu sofri muito com ele em cima da cama, eu o aspirava de madrugada, passou 03 anos acamado. **Ser idosa**, pela idade que tenho hoje para mim não é difícil ser idosa, vejo pessoas reclamarem da velhice, graças a Deus eu me orgulho pela idade que tenho hoje, e peço a Deus pra viver muito ainda, pois Daniela precisa muito de mim, **quando seu Edvaldo estava doente foi bem difícil, a senhora quebrou o fêmur**, foi sim, eu vinha bem ligeiro, tropecei, caí, fiz a cirurgia, com alguns dias criou água no fêmur, foi preciso fazer outra cirurgia, foi bem difícil pra gente, Daniela vinha cuidar de nós dois, **eu vejo sempre alegria na senhora, mesmo cuidando de Edvaldo acamado, sempre alegre**, Graças a Deus que me fez ser assim, depois que Edvaldo faleceu sigo a minha vida com meus filhos, Daniela cuida de mim, sou feliz.

**Raimunda Maria de Lima** – nascida em 07/06/1934 - é a sexta filha de 09 filhos.

Mulher, negra e do campo, nasci no sertão chamado São Lourenço, município de Felipe Guerra, pai agricultor, mãe lavadeira, ambos analfabetos, minha mãe trabalhava para não faltar comida pra gente, **o lugar dele é na roça**, papai trabalhava na agricultura, plantava pra comer, quando estava na época da cera de carnaúba, ele ia pra roça fazer a colheita, **trabalho infantil**,

**Comentado [SM1]:** A estética do texto também é um elemento importante, pois ajuda na organização e na fluidez da leitura. Então, é importante ter um padrão de espaçamentos de início de parágrafos, entre um parágrafo e outro, entre linhas, forma e fonte da letra.

papai colocava a gente pra bater palha de carnaúba pra fazer cera, **infância**, brincávamos fazendo bonecos com talo de carnaúba, o coco de cabra fazíamos de conta que era o feijão, a espiga de milho era a boneca, mamãe lavava roupa pra casa grande (casa dos latifundiários, conhecido também de coronéis, que tinha e até hoje tem o domínio da comunidade), a gente ia pegar água na cacimba, vivi no sertão até os 14 anos de idade, quando minha mãe morreu eu tinha 12 anos, aí começou o sofrimento, cada um se debandou pra um lado, fiquei pelas casas fazendo as coisas em troca de comida, não tinha quem me desse, morei um tempo com meu irmão mais velho, ele já era casado, **estudar**, tinha um professor sabido que ia dá aula pra os alunos, mas eu não gostava de estudar, mamãe mandava eu ir pra escola, ao invés de ir eu ficava debaixo da árvore brincando com qualquer coisa, pedra, folha, dando a hora pra ir embora, e quando ia estudar eu fazia qualquer coisa lá, tinha o dia de agrumento, dia de saber quem aprendeu a lição, quem não soubesse, palmatória na palma da mão, mamãe dizia assim: tem que aprender minha filha, **dificuldades, fome**; passamos muita necessidade, tinha dia que só tinha o feijão que era temperado somente com sal, é o chamado feijão na água e no sal, ou as vezes a carne na água e no sal, mamãe gostava de deitar guiné pra matar pra nós comermos, era muito boa mamãe, sofreu muito, **violência ciúmes**, meu pai era ruim, tinha ciúmes de mamãe, num dia de muita chuva, ele bateu nela com um pau, passou dias mancando, com dores no quarto, **juventude**, na minha época não tinha isso de juventude, tínhamos que trabalhar pra comer, **saída do campo para a cidade**, nam isso né vida não, passava fome, papai saia pra raparigar, e a gente sem comer até altas horas da noite esperando ele chegar, ficávamos esperando por ele na casa de uma senhora, a gente sofreu muito, eu queria ser mais direita, não ser igual as outras, queria ser civilizada, resolvi então ir trabalhar numa casa de um médico em Mossoró, passei um tempo trabalhando nessa casa, tinha o famoso quartinho dos fundo da empregada, depois eu saí e fiquei na casa das primas, servindo de empregada por um prato de comida, passava uns dias na casa de uma, depois ia pra casa da outra, e assim foi até me casar, ela não me apresentava como prima, depois que casei foi que passou a dizer que éramos primas, **linhas que nem o tempo apaga**, eu tinha só um vestidinho remendado, lavava e no dia de domingo vestia ele, a gente sofreu tanto, é... mas Deus é bom, **coronelismo, casa grande**, a gente morava dentro do cercado da casa grande, quando mamãe morreu e cada um se debandou pra um lado, não sei o que fizeram com a casa que a gente morava, em São Lourenço quem mandava era o pessoal da casa grande, **casamento**, conheci Dondon (esposo) quando eu morava com Francisca (prima), ele trabalhava numa oficina mecânica que ficava em frente à casa dela, casei primeiramente na igreja, depois no civil, tive 04 filhos, três eu tive em casa, todos normais, tinha uma parteira muito boa, ela que fez os meus partos, naquela época era feito

em casa, o quarto filho eu tive complicações, fui pra maternidade, mas eu preferia ter em casa com a parteira, ficava a vontade, quando engravidava ficava angustiada, preocupada, provoquei abortos tomando chá de cabacinha, quebra pedra, na minha época não existia o que tem hoje no posto de saúde, planejamento familiar, não queria mais engravidar, pois a nossa vida era difícil, Dondon recebia um salário, micharia de salário pra o mês todo, antes de terminar o mês já faltava alimento, tinha dias que só tínhamos o feijão, meus filhos pra não ir dormir com fome eu dava rapadura ou açúcar com farinha, e um copo d'água, e os colocava na rede pra dormir, éramos pobre, mas graças a Deus honestos, trabalhador, **mulher**, era submissa ao marido, devia obediência aos mais velhos, ao marido e irmão homem, é papel da mulher fazer as tarefas de casa, eu não trabalhava porque meu marido não deixava, e também ele já trabalhava e não deixava faltar nada pra dentro de casa e pelo tempo que sofri pelas casas sendo humilhada, depois que casei a minha vida mudou, passei a viver que nem uma rainha, morávamos em casa alugada, mas podia abrir a boca e dizer que eu tinha um lugar pra morar sem dever favor, e o pouco que tinha, ruim ou bom era meu. **Estudo para os filhos**, eu queria que meus filhos estudassem, dessem pra ser gente, eu não quis estudar, me jugava muito infeliz por não saber de nada, por isso que não queria que eles seguissem o mesmo caminho que eu tive, e nem Dondon queria que eles parassem de estudar pra ter o mesmo destino que ele teve, **não tinha relógio, o sonho da casa própria**, o tempo foi passando, filhos crescendo, o salário do meu marido aumentou, ele fazia uns trabalhos extra pra manter a economia da casa, e o pouco que recebia passamos a depositar na poupança para comprar nossa casinha, e graças a Deus conseguimos, é o nosso palácio, só saio daqui pra o cemitério, **a perda**, quando meu marido morreu, pra mim homem deixou de existir, ele era uma pessoa tão boa, muito humana, **ser idosa** é a pior idade que eu já passei, a gente passa sentir muita doença, é esquecido pelos filhos, não somos valorizado, não sinto mais vontade de sair de casa, vivo no meu cantinho, assistindo a minha televisão, não tenho mais gosto pela vida, mas graças a Deus venci, sofri muito pelas casas, a vida deixou marcas que nem o tempo apaga, mas.....eu venci.

**Maria Elnir Fernandes de Castro** – nascida em 03/12/1957, segunda filha de seis filhos.

Eu nasci na cidade de Ererê, estado do Ceará, vim pra Mossoró ainda criança, eu tinha 02 anos de idade, hoje tenho 62 anos, e me considero uma mossoroense, **infância, sair do sertão pra cidade**; eu não tive infância, não sei nem o que é isso, comecei a trabalhar muito jovem, foi muito difícil, como é pra toda menina pobre que sai do interior pra cidade tentar uma vida melhor, éramos pobres, não tinha nem um ovo pra comer, fui morar com meus avós paternos que tinha um padrão econômico alto e influentes na cidade, morei até os 14 anos

idade, me tratavam como empregada, que na verdade eu era a empregada da casa, juntamente com a Negra Chica, vovó gostava muito de humilhar, eu apanhava muito da minha avó, quando era época de carnaval minhas tias iam pular carnaval no interior, um dia meu tio chegou e eu estava chorando, e ele perguntou: por que essa menina está chorando? vovó respondeu: quer ver a mãe, é muito desaforo, quem vai lavar os pratos, fazer meus mandados? um vez ela disse assim: quando eu fico de frente pra está cabra, se eu pudesse tirava até a última gota de sangue, eu me lembro como fosse hoje, tem coisas que a gente não esquece, ficam marcadas, **estudos;** a minha trajetória de estudos foi aqui em Mossoró, nos anos 70/80 pra ingressar na escola se fazia o exame de admissão, sempre estudei em escola pública, eu estudava a tarde, **trabalho, faculdade e a discriminação com a mulher;** minha tia paterna trabalhava no comércio, ela falou com o gerente da loja pra conseguir uma vaga pra mim, ele disse que eu era muito nova, não tinha ia ter responsabilidade de nada, e essa menina “que não tinha responsabilidade”, trabalhou 12 anos, eu trabalhava os dois horários, e a noite fazia faculdade de história na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN, antes era Fundação FURRNE – trabalhava os dois horários, e estudava a noite, o gerente não queria nem que eu estagiasse, ele gritava a gente no meio do povo, só os homens sabiam fazer as coisas, mulher dirigir, era muito desaforo, só os homens, não é como hoje que a mulher dirige melhor do que os homens, a mulher nunca tinha vez, havia distinção de salários, as mulheres ganhavam só o salário mínimo, enquanto que os homens ganhavam mais, fazendo as mesmas funções, a mulher era escrava, fazia mais tarefas, porque mulher é pra ganhar menos, e homem é homem, havia muita discriminação, hoje existe também, mas é diferente de outras épocas, há os movimentos de mulheres feministas, que vão as ruas reivindicar por direitos, na minha época falar em feminismo era difícil, a mulher dirigir nos anos 80 era uma coisa horrível, andei muito tempo de moto, eu era muito discriminada porque andava de moto, eu acho que fui uma das primeiras mulheres a andar de moto grande dentro de Mossoró, o povo dizia: essa mulher é muito maceira, parece um homem, tão bonitinha, parece um cabra macho de moto de homem, ganhava um salário mínimo, ajudava a minha mãe, porque meu pai só pensava em farra, e viajar, ele era caminhoneiro, eu já vi ele bater na minha mãe, ela não quer que fale, hoje ele é falecido. **Noivado, pilar, missão;** fui noiva 12 anos com um caminhoneiro, hoje eu digo que Deus não tira as coisas da gente, Deus livra, porque eu tinha missão e Ele sabia, então vejo assim: Deus não tira, Ele livra, hoje eu não seria essa pessoa guerreira que eu sou, as meninas me chamam de pilar, então o pilar vê tá sofrido, se Deus me deu a capacidade de chegar até aqui, quero terminar minha missão; que é cuidar do meu irmão Edilson, que hoje é acamado por consequência de um acidente vascular cerebral - AVC isquêmico, já fazem 07 anos que estou

nessa luta e a outra missão é cuidar de mamãe, as vezes me sinto fragilizada quando eu peço ajuda e dizem: vai piorar, vai piorar, quando eu trancava meu irmão por conta das crises de esquizofrenia, chegava um, dizia: tadinho do bichinho, abra, deixe de ser malvada, então eu abria e ele ia embora, e agente que ficava com as consequências, mamãe ligava pra o 192, lá vinha a polícia e a samu, porque trabalham juntos em casos de esquizofrenia, eu estava na escola, minha sobrinha ligava pra mim: venha que o nego tá matando vovó, lá vinha eu do bairro Bom Jesus, só faltava virar o carro no contorno, o esquizofrênico só atende a uma pessoa, no caso dele, eu era a única que ele me atendia; **emprego público:** quando terminei a faculdade, passei no concurso pra educação no estado e município, trabalhei na Penitenciária Estadual Mário Negócio e na Escola Estadual Gilberto Rola, na Maísa, e pelo município lectionei na Escola Municipal Castro Alves, no bairro bom Jesus, era a noite, não possuía carro, ia de moto, maior escuro, hoje não tenho mais coragem, depois ia no fusquinha do meu pai, depois comprei meu carro, com dificuldade, mas comprei, meu pai costumava dizer: minha filha não me dê o peixe, me ensine a pescar, porque eu dou o peixe, você come, aí no outro dia se eu morrer logo, quem é que vai lhe dá? Eu me sinto uma guerreira, feliz, agradeço a Deus, o trabalho que mais gostei era o da zona rural, um povo muito acolhedor, carente, eu ganhava tanta verdura, e na Penitenciária Mário negócio (com os bandidos de alta periculosidade), a gente chamava minhas crianças, nós íamos meu carrinho (fusquinha) ia aplicar os TD's o chamado Tira Dúvida, aplicar prova, ninguém queria ir, eles me tratavam com tanto respeito, "a senhora quer o quê? uma água?, um café?" a gente não estava lá pra julgar, íamos trabalhar, e na escola Gilberto Rola que fica na Maísa, lectionei a noite na Educação para jovens e adultos, antes era chamado supletivo, eu gostei muito do meu trabalho, nas sextas feiras, vinha pouco aluno pra aula, então eu pegava a merenda que sobrava e fazia um sopão, e ia distribuir com a população, eu sou uma pessoa que gosto muito de ajudar, eu só sinto o gosto da comida se eu der muito, na prefeitura também foi em sala de aula, eu era lotada na escola Castro Alves no bairro Bom Jesus, ensinei no ensino fundamental e médio, tinha uns dois ou três alunos que iam assistir aula armados, eu não tinha medo, pelo contrário gostava e me dava bem com deles, os alunos furava pneu, riscava carro, nunca mexeram no meu carro, eles diziam assim: "professora me dê um trocado" com a aquela fala cheia de lombra, me respeitavam, queria bem, nunca tive problema com eles, e hoje eu dou graças a Deus estar contanto a história, porque muitos nem chegam a contar a história, eu gostava muito do meu trabalho, muito, muito, eu preparava minhas aulas de madrugada, e hoje estar me servindo, porque eu ajudo as cuidadoras da HOME CARE a dá banho em Edilson, é dado na madrugada, **a esquizofrenia, 20 anos difíceis e conturbados;** Edilson passava um mês em casa e outro no São Camilo (hospital psiquiátrico), foram tantas internações que não dá

pra contar, são 20 anos, minha sobrinha que eu a considero como minha filha, diz assim: titia a senhora parece que parou nos anos 80, porque eu ainda estou muito focada na esquizofrenia, tinha dias que eu falava igual a Edilson, isso pela convivência, eu ficava exaltada, não percebia, mas depois que ela comentou, eu passei a me observar e se policiar, eu falava algumas palavras dele, a convivência, então sobrou tudo pra mim e nunca tive ajuda, mas..... estou vencendo, Deus dá cruz conforme o que a gente pode carregar, hoje eu trabalho muito, muito mais, do que os meus 40 anos de trabalho externo, **o papel intitulado a mulher**, eu não sabia cozinhar, eu nunca tinha ido pra uma cozinha, eu sofri muito, quando Edison ficou acamada eu ainda trabalhava pela prefeitura, dava dois expedientes, e a noite ia fazer comida pra equipe da HOME CARE, não era obrigação, mas não ia deixar os profissionais trabalhar com fome, minha mãe morou um tempo comigo numa casinha no quintal da casa de minha avó, costurava de graça pra minha avó e costurava pra ganhar, pra sustentar os filhos, a gente passou necessidade, meu avô e minha avó maternos mandava alimentos do sítio pra nós, enquanto que minha avó paterna só dava as coisas a gente se nós ficássemos debaixo do pé, como escrava, na chibatada, apanhei muito, sofri muito, mas eu venci, e hoje eu me considero uma guerreira, minha tia me chamava de estrela, eu chorava, quando eu saí da casa de minha avó, e fui morar com minha mãe na nossa casinha, mesmo a alugada, já era mocinha, as coisas melhoram muito, **missão**; eu tive um relacionamento com um caminhoneiro, e evaporou e foi minha sorte, ninguém morre de amor, Deus não tira, Ele tira, e se eu tinha essa missão, eu nem sabia, se eu tivesse ido embora quem ia cuidar da minha mãe quase 90 e meu irmão acamado, seis anos sem se mexer, eu me sinto feliz, realizada, não quero mais do que isso, só peço a Deus um pouco mais de saúde pra eu terminar essa missão, mas eu passei por muitos bocados, **o patriarcado**; eu mocinha saia pouco, meu pai dizia: ou estuda ou namora, não pode os livros debaixo do braço e namorado do outro, meu pai achava que a mulher não tinha direito de se divertir, o direito da mulher é pé de fogão, a pia de lavar roupa, cozinhar, passar, servir, não é pra lazer, só o homem tem direito de se divertir, só o homem, a mulher não pode, quando eu namorei com o caminhoneiro, nós namorávamos escondido, mas depois ele descobriu, então eu ficava servindo cafezinho pra os dois, virou irmão, eu namorei 12 anos com ele, a gente se via de ano em ano, ele dizia: mulher minha é pra ser debaixo do meu pé, queria que eu pedisse demissão do meu trabalho e deixasse a faculdade, se eu tivesse feito o que ele queria, hoje eu estaria com meia doze de filhos, e passando fome, mas pelo temperamento que tenho, comecei cedo minha independência, eu jamais iria aceitar as imposições dele, pensei que eu ia morrer, mas a gente não morre de amor, só Romeu e Julieta que foram envenenados, então vejo a vida assim; que Deus não tira, Ele livra, minha mãe é uma guerreira, ela diz que foram 30 anos de chifre, mas não dói que é de



rosca, rrsrrsr, **é difícil ser mulher?** Hoje não, mas em outras épocas era muito difícil, a mulher era muito discriminada, veja o meu noivo, a pessoa que eu amava, abria a boca e dizia: mulher minha é debaixo do meu pé, **o feminismo**; olhe que a época que vivi nos anos 80 eu tive muito pulso e coragem, eu aguentei grito dele, minha mãe deixou um emprego federal, era professora, fugiu pra casar com meu pai, teve seis filhos, e ela não o deixou por conta dos filhos, não ia passar fome, se eu me sinto guerreira, minha mãe é muito mais do que eu, se nos anos 70, 80 era difícil, você imagine na década de 20,30,40 era duas vezes mais difícil, levou muito empurrão, muchicão, chegava bêbado, eu era mocinha e vinha, meu noivo nunca se atreveu encostar a mão em mim, que não era besta, se ele encostasse eu dava um chute nele que nunca mais ele era homem, na verdade ele me agrediu psicologicamente a partir do momento que abriu a boca e disse que mulher minha é pra casa, ele sumiu da minha vida do nada, eu falo alto, tem horas que me altero, as pessoas pensam que eu estou brigando, que sou valente, mas não é porque eu quero, a vida me deixou assim, **o meu dilema com a HOME CARE**, a minha casa virou um hospital, depois que Edilson ficou acamado e eu passei assumir toda situação, fiquei muito fragilizada, tinha dias que ninguém podia olhar pra mim que eu chorava, vivia com os olhos inchados de tanto chorar, eu entrei em pânico, os profissionais da saúde mandavam procurar um psiquiatra, mas a situação foi me moldando, fui tendo pulso firme, enquanto isso eu escutava tanta coisa por parte da minha família, vinha meu sobrinho e dizia: a roda desse carro é quadrada, vai afundar, não sai da garagem, você não vai passear, minha irmã chegava falando dos pacotes de viagem pra Miami, me perguntava por que eu não ia viajar, hoje eu conto como uma piada, tudo de ruim que aconteceu eu superei, então se eu chequei até aqui, eu vou ser capaz de ir até o fim, a não ser que eu vá antes, mas enquanto eu for viva, eu vou fazer, já fui discriminada pela família, que não é pra tratar bem as profissionais da HOME CARE eu vou tratar, porque uma pessoa que passa o dia tratando do meu irmão, por que eu vou tratar mal a pessoa que estar aqui fazendo o bem, minha mãe sempre foi muito religiosa, e ela nos criou seguindo os mandamentos da igreja, eu não sou de rezar muito, a fé me ajudou bastante, eu agradeço a Deus até o ar que respiramos, o sofrimento, eu entrei em pânico, minha vida virou no sei quantos graus de diferença então eu tive uma conversa comigo mesma, fiz uma retrospectiva, com relação a toda situação pela qual eu estava passando, uma injeção de ânimo aqui, outra ali, conversava com as meninas e minhas vizinhas Ângela e Elinete, então me ajudou muito a ficar mais forte e enfrentar a minha missão, você sabe que uma palavra amável cura mais que um remédio? Se você fugir do problema, ele cresce, eu aprendi comigo mesma, antes eu não aceitava meu irmão estar na situação que se encontra hoje, quando a gente não aceita, o problema cresce, as vezes minha alta estima baixa, com essa obesidade é lá pra baixo, prestou

atenção que essas pessoas bem expressivas, geralmente tem depressão? Elas usam a expressividade pra chamar atenção, pra dizer que não é o estereótipo que vale, o intelecto é mais importante, é dizer que tenho potencial, as pessoas dizem que eu tenho luz e que faz bem, **a idade que invisibiliza mulher**; eu estou na melhor idade, perante a sociedade a visão da população é que os jovens é que tem vez, a pessoa idosa não vale nada, apesar de dizer que é a melhor idade, mas eu vejo discriminação, não que eu me sinta velha, eu não vejo o idoso/idosa como prioridade como diz a lei, a maioria do jovem não quer saber se o idoso vai entrar no ônibus ou numa fila, eles não saem pra dá o lugar ao idoso, eles tem é raiva e ainda dizem: olhe o véi e a véa.

## 5 CONCLUSÃO

Fazer uma analogia, analisando o contexto das falas de cada uma dessas mulheres, é lapidar pérolas preciosas que tem muito a contribuir na construção do feminismo. Foram quatro narrativas de mulheres, sendo que três foi vivenciada na mesma época, e o interessante que as histórias são muito parecidas, as dificuldades por ser mulher são iguais, estudar não havia estrutura e nem muito menos políticas pública voltada para educação, culturalmente todas tiveram a mesma educação, a situação econômica sempre foi e continua sendo o grande gargalo das desigualdades sociais, mas, mesmo assim a fala da outra entrevistada que é mais jovem e já viveu em outro contexto um pouco mais evoluído, não teve uma vida fácil, e sofreu os mesmos preconceitos por ser mulher, a única diferença entre as quatro, é que a mais jovem teve a oportunidade de estudar, fazer uma faculdade e trabalhar, somente. E diante das diferenças sociais, a mulher negra e do campo que é o caso de uma delas, que teve uma vida mais sofrida, a sua fala ratifica a exclusão e a desigualdade que vive as mulheres pretas, faveladas, do campo, e pobre no contexto atual. A busca por uma “liberdade” sustentada no sonho do casamento, vivido por elas, infelizmente a levaram a escolha do homem pra casar, a ilusão de liberdade quando se casa é presente nas narrativas, mas ambas tem dentro si o real conceito de liberdade, mesmo a mulher tendo sido educada num ambiente autoritário e machista em que as invisibilizam, e tem seus direitos violados, a mulher estrategicamente para realizar seus desejos e ter uma vida com “direitos” ela carrega consigo, astúcias com molecagem que põem pra fora seus sentimentos, dando prazer em suas vidas. A educação que foi adquirida de seus pais, de que a mulher deve obediência ao marido, as tornaram aprisionada a um ensinamento que as oprime, e o interessante que essa educação foi reproduzida por elas, quando se trata da filha mulher. O cuidar é papel da mulher, cuidar da casa, dos afazes da cozinha, esse cuidar é passado como “herança” pra as filhas, e na grande maioria, esse cuidado causa adoecimento para as mulheres, e infelizmente esse cenário é muito presente em todas as famílias; namorar só se for na calçada, pra que esteja sobre os olhos dos pais, ir a uma festa só na companhia de uma pessoa adulta e responsável, o sonho de que a filha arranje um bom casamento também é cultivado, até pela condição financeira; a mulher não tinha oportunidade de trabalho e nem se quer autonomia profissional, ter filhos após o casamento, jamais, “minha filha é moça direita”, a preocupação com os falatórios sobre sua filha, faz parte de uma violência psicológica vivida pelas mulheres, ou seja, o corpo, a honra da mulher ainda é vista como objeto de opiniões. O papel da mulher como dona de casa, tarefa do cuidar dos filhos, do marido, assumir esse papel a fez se tornar a matriarca da casa, de certa forma lhe dava autoridade sobre a família, mesmo com tanto sacrifício e dificuldades, a fala de cada uma deixa claro o cuidar da mãe, o papel de ser mãe é

dela, ela cuida, acalenta, protege mesmo, e a sua luta enquanto mãe e mulher é uma dedicação com proteção e muito amor. Há uma predominância do machismo na fala das quatro, porém há uma centralização na figura do homem, atitude “normal” para elas, tornando-a sempre submissa. O que chama atenção é o fato das três falas que não tiveram a oportunidade de estudar, mas todas tem a concepção de que os estudos é o caminho para construir um futuro de realizações e conquistas, uma delas me confessou que falava sempre pra seus filhos(as) quando pequeno e jovem: “vão estudar pra aprender a ler, saber da coisas”, “estudar pra ser gente na vida”, “ a herança que deixo pra vocês, é o estudo”, ou seja, elas sabiam que estudar é a arma que muda as pessoas, e elas mudam o mundo, já dizia Paulo Freire (1997). Suas filhas tiveram o privilégio dos estudos, fizeram faculdade, conseguiram fazer uma pós graduação e tem sua autonomia profissional, é perceptível o olhar crítico com relação as questões sociais, principalmente quando o tema é feminismo, essa oportunidade de estudar lhes proporcionaram a participação em projetos de extensão, trabalhando a temática mulher, ver o mundo com outro olhar, questionando seus direitos, seu lugar de fala, lhes proporcionando uma educação crítica, transformadora, e ao mesmo tempo não repetir o mesmo cenário da mãe. Ressalvo que o casamento ainda é visto para algumas mulheres como um acontecimento importante em suas vidas, como uma forma de realização e obter a liberdade, são costumes e atitudes passado de mãe pra filha. O que me encantou, foi ver a filha de uma das entrevistadas (Raimunda Maria de Lima) ter um amplo conhecimento das lutas feministas, ser integrante do Coletivo Negras, projeto de extensão da Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA, da qual faz a segunda graduação, é uma mulher, negra, feminista, ativista e militante dos movimentos sociais, sua mãe não concorda com esse envolvimento de luta, pois por ser mulher tem medo que sua filha venha sofrer perseguições políticas, mas respeita e a admira, percebi que essa convivência com uma ideologia que não é a mesma vivida pela família, ela já conseguiu mudanças no comportamento da mãe; e o bacana que essa ideologia e esse pensamento crítico, foi graças as atitudes da mãe que as colocava para estudar, pois não queria que ela tivesse o mesmo destino que ela teve, ” a herança que deixo pra vocês são os estudos”, e a filha soube agarrar, hoje ela tem a honra de estar escrevendo o seu TCC referente ao curso de **Especialização em educação popular e promoção de territórios saudáveis na convivência com o semiárido, pela Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, concluído em 2019.**

Fazendo esse intervalo de décadas e refletindo cada narrativa contada por mulheres que hoje estão num ciclo de vida, que pra cada uma delas é vista com um olhar diferente, a luta da mulher nos anos 30,40,50, 60 por direitos não foge das lutas de hoje, percebo que mesmo numa sociedade patriarcal a história dos movimentos das mulheres e do feminismo, chamam a atenção

sobre a importância da luta das mulheres para as conquistas femininas na atualidade, o feminismo avançou, mas não consolidou os avanços, o androcentrismo é enraizado nas famílias conservadoras, o lugar de fala da mulher é invisibilizada, e olhando pra mulher, idosa, cheia de saberes, vivências e experiências, esse silenciamento é explícito pela família e a sociedade, o envelhecimento é visto como algo ruim, que atrapalha, que não tem mais nenhuma serventia, o “dona”, a “senhora”, “tia”, são falas direcionada a mulher de forma pejorativa, de fragilidade, de discriminação, e repassa a percepção de uma fala excludente e preconceituosa, e o chocante é ver a própria mulher naturalizar e replicar atitudes e falas que a inferioriza, essa mulher que muitos chamam de idosa, passa a um ocupar um duplo espaço; a invisibilidade enquanto mulher e anciã; quero citar algumas falas que me chamaram atenção enquanto eu estava fazendo as visitas, e que elas naturalizam: “Nós mulheres idosas temos que se pôr no nosso lugar”, “pegue aqui na mão da veíinha que não serve mais pra nada”, “eu quero saber se eu não tenho autonomia sobre mim”, “já, já, quem vai estar doente sou eu, e quem vai cuidar de mim?”, “Depois que inventaram água oxigenada a mulher não quer mais cabelo branco, não quer ser velha” Em pleno século XXI ainda permanecemos reprimida, dentro de uma bolha opressora, a sociedade sexista, onde o machismo é o maior expoente do preconceito de gênero, por ideologias conservadoras que violentam a mulher.

## REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo sexo: fatos e mitos*; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. v.1, São Paulo: Brasiliense, 1993.p.197-221.
- BULLA *et al.*, L. C; Relações de Gênero e Aposentadoria: Uma Abordagem Sobre a Família, as Relações Sociais e as Condições de Vida na Velhice. Disponível em: < <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/serpinf/2014/assets/18.pdf>. Acessado em 10/08/16.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- GELEDES. *Sojourner Truth*. Disponível em: < [https://www.geledes.org.br/a-patria-e-paria-e-antifeminista/?utm\\_source=pushnews&utm\\_medium=pushnotification](https://www.geledes.org.br/a-patria-e-paria-e-antifeminista/?utm_source=pushnews&utm_medium=pushnotification) >. Acesso em: 21 set. 2017.
- GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de pesquisa**. Belo Horizonte: Ead, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2009
- FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade o cuidado de si**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal Ltda. 1985.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- FREIRE, Paulo (org.). **Pedagogia do oprimido**. 65. ed. Rio de Janeiro/são Paulo: Paz e Terra, 1921/1997.
- LBERTI, V., FERNANDES, TM, and FERREIRA, MM (Orgs.) *História oral: desafios para o século XXI* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.
- MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flavia. **Feminismo e Política**. São Paulo: Boi tempo, 2014.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. 22 p.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, violência, patriarcado**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- VIDAL, L. *Morte e vida de uma sociedade indígena brasileira*. São Paulo, Hucitec, 197
- SÁNCHEZ, C. D. Política pública y mujer de edad avanzada. *Puerto Rico Health Sciences Journal*, San Juan, v. 9, p.137-140, 1990.

SECRETARIA DE ATENÇÃO PRIMÁRIA Á SAÚDE (SAPS). Disponível em: < <https://https://aps.saude.gov.br/ape/esf/>>. Acesso em: 2 set. 2017.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de Pesquisa**. 2. ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/ UFSC, 2013: Edição Reimpressa, 2013.